

A CORRELAÇÃO ENTRE TEMPO E DINHEIRO NO ENREDO DO ROMANCE *OS RATOS*, DE DYONÉLIO MACHADO

THE CORRELATION BETWEEN TIME AND MONEY IN THE PLOT OF THE NOVEL *OS RATOS*, BY DYONÉLIO MACHADO

Patrick Araújo Pereira¹

Altamir Botoso²

RESUMO: Dyonélio Machado foi um escritor modernista brasileiro que se popularizou pelo seu romance *Os Ratos*. Este romance tem como questão elementar a relação entre o tempo e o dinheiro. O personagem vive uma jornada de 24 horas onde deve obter 65 mil réis para quitar sua dívida com o leiteiro. Neste contexto, a relação tempo e dinheiro se fazem presentes e interferem de maneira elementar no enredo. Este estudo busca demonstrar como esta relação faz com que o personagem principal, Naziazeno, tenha sua subjetividade invadida e assaltada por fatores externos relacionados à sua dívida e ao tempo para quitá-la. Para tanto, utilizar-se-á dos seguintes aportes teóricos e críticos para demonstrar o que acima foi proposto: Ricouer (2010), Nunes (2013), Agostinho (1999), Moisés (2017), Han (2021) dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Dyonélio Machado; *Os Ratos*; Tempo; Literatura brasileira; Modernismo.

ABSTRACT: Dyonélio Machado was a Brazilian modernist writer who became popular with his novel *Os Ratos*. This novel has as its elementary issue the relationship between time and money. The character lives a 24-hour day where he must get 65 thousand réis to settle his debt with the milkman. In this context, the relationship between time and money is present and interferes in an elementary way in the plot. This study seeks to demonstrate how this relation causes the main character, Naziazeno, to have his subjectivity invaded and assaulted by external factors related to his debt and the time to settle it. To his end, the following theoretical and critical contributions will be used to demonstrate what was proposed above: Ricouer (2010), Nunes (2013), Agostinho (1999), Moisés (2017), Han (2021) among others.

KEYWORDS: Dyonélio Machado; *Os Ratos*; Time; Brazilian literature; Modernism.

INTRODUÇÃO

Dyonélio Tubino Machado nasceu na cidade de Quaraí-RS, no dia 21 de agosto de 1895 e morreu em 1985, em Porto Alegre-RS. Foi um escritor que participou da segunda geração do Modernismo Brasileiro. Dono de uma obra ampla e profícua, Dyonélio Machado foi, também, médico e político. Há de se destacar dois romances de maior amplitude do autor: *O Louco do Cati* (1942), e o romance que é o foco deste artigo, *Os Ratos* (1935). Este foi o que projetou o autor no cenário literário brasileiro.

¹ Graduação em Letras – Português/Espanhol pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2022). Mestrando em Poéticas da Modernidade pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, atuando principalmente nos seguintes temas: Rosário Fusco, Verde, Modernismo Periférico, Filosofia, Crítica literária. Membro pesquisador/colaborador do grupo de pesquisa Modernismo Periférico. E-mail: c.patrick.araujo@gmail.com

² Doutor e Mestre em Letras na área de Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP, Assis/SP) e docente do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), campus de Campo Grande/MS. E-mail: abotoso@uol.com.br

Com base no exposto, o nosso objetivo é analisar a questão temporal nesse último romance, porque ela se torna o eixo central do enredo, uma vez que o protagonista encontra-se premido por resolver uma questão pessoal que vai se ampliando e absorvendo a sua mente, assumindo um contorno obsessivo na sua ânsia de resolvê-la. Como suporte teórico para as análises pretendidas, valer-nos-emos dos estudos críticos de Santo Agostinho (1999), Le Goff (2017), Moisés (2017), Rosenfeld (2021), Nunes (2013), Ricouer (2010), dentre outros.

A obra *Os Ratos* possui uma trama simples, porém não banal. Como o próprio nome denota, essa obra se centra nas miudezas do cotidiano de uma família brasileira que sofre para sobreviver. A dívida que dá início ao enredo assalta a consciência do personagem Naziazeno, que deve obter 65 mil réis para pagar o leiteiro e impedir que o fornecimento de leite seja cortado. O protagonista será assombrado pela presença de ratos, os quais são animais que sobrevivem à margem, isto significa que seu meio de subsistência é o resto, a sobra, o roubado, em suma, a luta pelo alimento e pela subsistência. Nesse sentido, *Os Ratos* realiza o processo da pura reificação: transforma o objeto em coisa e a coisa em objeto. Os ratos são diversos, e nesse mundo caótico que transforma a vida em uma luta, o rato é a vítima e o acusado.

A urgência e a necessidade do protagonista da obra acentuam-se, indelevelmente, em razão do tempo exíguo que ele tem para resolver a questão relacionada ao dinheiro. Essa questão torna-se crucial, já que a mente de Naziazeno divaga e ele se vê oprimido por todos os lados, enxerga/imagina ratos por toda parte e, em certa medida, até as pessoas que o oprimem, ameaçam-no e transformam a sua vida em um verdadeiro caos, podem ser consideradas como seres equivalentes aos roedores que povoam a sua mente dilacerada pelo medo, pela carência e pela incapacidade de solucionar o problema que o afeta tão dolorosa e irremediavelmente.

TEMPO ENTRE(LINHAS)

A passagem do tempo é sempre motivo de atenção por parte de alguns autores, tanto no campo filosófico quanto no campo literário. Essa passagem pode ser representada de maneiras divergentes, no entanto, o tema da questão temporal é recorrente. A expressão do ente literário se realiza no tempo literário, que muitas vezes nada tem a ver com o tempo físico. Então, como defendido por Moisés (2017), o tempo apresenta um caráter elementar para a construção de uma grande obra.

A representação do tempo como algo inevitável – alguns personagens travam verdadeiras guerras contra o tempo –, desta forma toma-se por premissa que a expressão do ser se forma e se conforma por meio da(s) temporalidade(s). É no tempo que o ser se expressa e se define como homem, sendo inseparável sua relação com a temporalidade. Nenhum ser físico é

atemporal, apesar da representação de Deus ser na maioria dos casos colocada como atemporal e extraterrena, isto é uma colocação metafísica. Como defendido por Santo Agostinho, que discorre acerca da eternidade divina estar desligada do elo temporal nos capítulos 11 e 13 do livro XI de *Confissões*: “Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente” (Agostinho, 1999, p. 320) e, seguindo ainda as ponderações do referido teólogo e filósofo, este afirma que

Os vossos [de Deus] anos não vão nem vêm. Porém os nossos vão e vêm, para que todos venham. Todos os vossos anos estão conjuntamente parados, porque estão fixos, nem os anos que chegam expulsam os que vão, porque estes não passam [...]. O vosso ‘hoje’ é a eternidade [...]. Criastes todos os tempos e existis antes de todos os tempos. Não é concebível um tempo em que possa dizer-se que não havia tempo. (Agostinho, 1999, p. 321-322).

Ricouer (2010) comenta que as percepções de Santo Agostinho são pioneiras em sua época, pois ele foi aonde nenhum dos outros filósofos e teólogos antigos foram, ou seja, ele perseguiu com maior profundidade e maior êxito e se propôs a discorrer acerca da questão temporal. O tempo humano, para Santo Agostinho, está centrado no hoje e é marcado pela transitoriedade, enquanto o de Deus caracteriza-se pela eternidade, pela imutabilidade. O Deus histórico, segundo Le Goff (2017), configura uma imagem de Deus que está inserida “numa sociedade [que] depende sem dúvida da natureza e do lugar de quem imagina Deus” (Le Goff, 2017, p. 11). Então, este Deus existe como entidade imaterial e irreal, não pressupõe, necessariamente, sua existência de fato. Em suma, para-além das colocações metafísicas, Deus se torna um espectro que permeia o real e tem sua forma e características históricas que mudam de acordo com o período histórico e a sociedade que O imagina.

Retomando a questão temporal, para Santo Agostinho, falar de tempo não necessariamente se trata de uma questão cronológica, isto é, de acordo com Ricouer (2010), a formulação da ideia de *distentio animi* que “servirá precisamente de substituo para esse suporte cosmológico do espaço tempo” (Ricouer, 2010, p. 29). Isto quer dizer que o tempo se torna uma questão de percepção, será na *alma* que ele irá de *distender*, Ricouer (2010) conclui: “Quando diz que o tempo é antes a medida do movimento que o próprio movimento, não é num movimento regular dos corpos celestes que está pensando e sim na medida do movimento da alma” (Ricouer, 2010, p. 30).

O personagem Naziazeno, ao se expressar no tempo, tem o dilema de enfrentá-lo. O livro *Os Ratos* (1935), de Dyonélio Machado, traz um conflito do personagem com o tempo, no entanto, cabe observar que o “tempo moderno” é diferente, pois ele enfrenta dilemas

distintos do “tempo romântico”. Com a ascensão das grandes cidades e as novas imposições propostas por novos modos de produção do capitalismo, essas mudanças transformaram o tempo em expressão de produtividade. Quando se refere ao romance moderno, Massaud Moisés dá o exemplo de *Ulysses* (1922), de James Joyce e observa que

Narrando a vida do herói durante 24 horas, em Dublin, o suficiente para revelar a massa de angústia e de saber enciclopédico que desabam sobre o homem contemporâneo [...]. E, procurando abranger a totalidade do mundo consciente e inconsciente, introduziu-lhe o relativismo em sua forma extrema, a ponto de anular a ideia preconcebida de tempo e de espaço. (Moisés, 2017, p. 162).

A busca pela totalidade faz com que a valorização do fenômeno psicológico, bem como a tentativa da transposição desse fenômeno à literatura, eleve-se ao zênite da composição literária, que busca absorver os novos dilemas do homem moderno. Ora, com a produtividade se medindo pelo tempo, geralmente expresso pela forma trabalho, os indivíduos sujeitam seu tempo à lógica do capital. Assim Naziazeno Barbosa – personagem principal de *Os Ratos*– sofre não algumas sevícias físicas, mas uma ameaça do tempo, ele tem 24 horas para arranjar o dinheiro do leiteiro e impedir que o fornecimento de leite para sua família seja interrompido. É possível estabelecer uma analogia interessante com o personagem do escritor irlandês, pois Naziazeno irá percorrer, durante todo romance atrás do dinheiro, uma odisseia pessoal e se pode observar que tempo-dinheiro se somam no romance e o resultado desta soma é a sobrevivência do personagem e de sua família. A seguir, nosso propósito é discorrer como o tempo cronológico afeta o tempo do romance e como é possível vislumbrar a verossimilhança que se configura na diegese do romance.

O TEMPO CRONOLÓGICO E O TEMPO DO ROMANCE

O tempo cronológico obedece necessariamente a sucessão de momentos que, de acordo com a física contemporânea não pode retroceder (BATALHÃO *et al.*, 2015). O exercício de rememorar é função psicológica do indivíduo, que, ressalta-se, não pode alcançar o passado de fato, apenas a “impressão” do fenômeno passado. O tempo da natureza é o que sujeita todas as coisas que têm sua existência postulada pelo tempo: povos, países, indivíduos, mercado, mundo, universo, ou seja, conforme pontua o crítico Massaud Moisés (2017), o tempo cronológico reveste-se dos seguintes matizes:

A alternância da noite e do dia, o fluxo-refluxo das marés, as estações, o movimento do sol, etc. Tempo social por excelência, na medida em que as múltiplas relações em sociedade (comerciais, industriais, domésticas, coletivas, etc.) se regem pelo

calendário, faz crer numa regularidade fixa dos segmentos temporais, divididos ascendentemente de segundo ou fração até século ou milênio. Orientando a vida de convívio social, acabou por se transformar em autêntico mito, graças à mentalidade industrial centrada no aforismo ‘tempo é dinheiro’. (Moisés, 2017, p. 182)

O tempo histórico, como afirma Moisés, regimenta a vida de todos os seres de acordo com o seu fluxo contínuo. E, portanto, o tempo da natureza gera efeitos e conflitos reais com o tempo psicológico. A convivência entre ambos, quando representada na literatura, possibilita a criação de uma “dimensão mítica”, conforme Rosenfeld (2021) argumenta. Isso permite a convivência entre o tempo histórico e o psicológico como matéria para construção literária. Em maior ou em menor grau, ela pode ser exitosa, visto que “o domínio do tempo longe está de significar facilidade para o romancista, ao contrário, constitui-lhe a barreira mais difícil de ultrapassar” (Moisés, 2017, p. 181). Desta forma, o tempo tem sua natureza posta antes da existência do sujeito, constitui-se como unidade ordenadora *a priori*, ou seja, como acentua Nunes (2013),

A relação entre o começo e o fim, chamado de intervalo, de determinado movimento, o cômputo de sua duração, bem como a passagem de um intervalo a outro numa ordem que liga o anterior ao posterior, chamada de sucessão – todas essas noções que o uso do relógio suscita de maneira espontânea corroboram a compreensão prévia do tempo, por força de nossa atividade prática, que nos obriga a lidar com ele antes de conceituá-lo. (Nunes, 2013, p. 18, grifo do autor).

Um romance à maneira de *Os Ratos* exprime bem essa relação e interdependência que o tempo psicológico tem com o histórico, uma vez que a busca por verossimilhança se realiza por intermédio do personagem, para criar um simulacro da vida de uma classe média que sofre dificuldades de subsistência, sempre com a promessa da resolução do problema, o qual, dentro de no máximo 24 horas, segundo o enredo da referida obra estaria solucionado e a vida voltaria à paz (Machado, 1980, p. 45) – paz que era impossível localizar antes do conflito que se estabelece na vida do protagonista, sendo mais uma esperança, como forma de fugir psicologicamente da dura realidade, já que, mesmo que se pague o leiteiro, Naziazeno ainda terá problemas financeiros com pessoas e ratos, desvelando um problema comum do ser humano na contemporaneidade. Como assevera Candido (2018), o ser ficcional mantém estreitos laços com a realidade:

A personagem é um ser fictício, – expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer,

portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (Candido, 2018, p. 55, grifo do autor).

Naziazeno é um personagem verossímil, que corporifica um ser da classe média brasileira, que passa por dificuldades econômicas e precisa lutar pela sobrevivência. Esta imagem, de acordo com Bosi (2017), de uma classe média mal estruturada e à margem do capital é recriada em *Os Ratos*. O romance trata da temática da ação do capitalismo sob o tempo histórico e como o sujeito e seu tempo psicológico são assujeitados à lógica capitalista. Ora, se a subjetividade é assaltada pela objetividade imediata e impositiva – pagar a dívida ao leiteiro – o tempo histórico se subjetiva e amplia-se na forma de *duração interior* (Nunes, 2013, p. 19). Assim, torna-se possível que o enredo do referido livro transcorra em 24 horas, sem que seu conteúdo dramático se esgote ou caia em simples exercício de retórica. A relação do personagem Naziazeno com o tempo-dinheiro – maior expressão do capitalismo moderno – manifesta-se na obra por meio de sua fixação em olhar o relógio. De acordo com Nunes (2013) isto significa que:

Lidar com o tempo significa que já contamos com a sua presença antecipada na distribuição das tarefas cotidianas. E contar com essa presença antecipada, objeto de constante preocupação, também significa, perdoe-nos o inevitável trocadilho, que *sempre o estamos contando ou medindo*. (Nunes, 2013, p. 18, grifo do autor).

Contar e medir, esses dois verbos que se relacionam diretamente com o tempo da mesma maneira que também dizem respeito ao dinheiro. Isso fica patente no romance, na seguinte passagem: “Há um estribilho dentro de seu crânio: ‘*Lhe dou mais um dia! Tenho certeza*’” (Machado, 1980, p. 17). Essa ameaça do leiteiro contra Naziazeno persegue o personagem durante todo o livro, como uma promessa e como motivo de degradação do mesmo. Assim, ao sofrer esta ameaça – ameaça que se configura como o dínamo do conflito – Naziazeno inicia e prossegue sua jornada, enquanto o conflito com o leiteiro o assombra e “um gelo toma todo o seu corpo. Gelo que é tristeza e desânimo” (Machado, 1980, p. 17). Os *flashbacks* do personagem fazem com que o passado se presentifique e segundo Moisés (2017), em algumas narrativas, há um entrelaçamento entre tempo histórico e psicológico, e isso pode ser observado ao logo da leitura do romance *Os Ratos*:

A rigor, tais choques acontecem porque o tempo histórico frequentemente não coincide com o psicológico: irreconciliáveis por natureza, somente se harmonizam em condições difíceis de alcançar, visto que, progredindo a civilização tecnocráticas, aumenta a distância entre ambos. É que o tempo psicológico se opõe frontalmente ao

outro: como o próprio adjetivo “psicológico” sugere, ainda na mais corriqueira de suas conotações, essa forma de tempo aborrece ou ignora o relógio. (Moisés, 2017, p. 183).

Essa desarmonia entre o tempo histórico, as 24 horas que o personagem Naziazeno tem para conseguir dinheiro, e o tempo psicológico, marcado pelas suas elocubrações, apreensões, desejos, contribuem para transformar o livro de Dyonélio Machado em um tecido narrativo modelar do tratamento da questão temporal, conforme se poderá verificar nos tópicos que seguem.

1. Promessa e ameaça: passado e futuro no tempo presente

Se existem coisas passadas e futuras, quero saber onde elas estão.

Santo Agostinho

O futuro, assim como o passado, é o não-ser, pois sua destruição consiste na chegada do momento (presente) – o futuro nunca chega, ele age sempre como uma promessa ou, em termos agostinianos, “prognósticos”. E o passado só existe como lembrança, sendo assim “não é possível ver o que não existe. E os que narram fatos passados, sem dúvida não os poderiam veridicamente contar, se os não vissem com a alma” (Agostinho, 1999, p. 325). Esse ver com a alma é o que Agostinho denomina como *distentio animi*. Ricouer (2010) pondera o seguinte a respeito da concepção agostiniana de tempo: “É na alma, portanto a título de impressão, que a expectativa e a memória têm extensão” (Ricouer, 2010, p. 37, grifo do autor). Ademais, segundo Santo Agostinho (1999), o futuro age como prognóstico no tempo presente, conquanto o passado age como memória evocada no tempo presente. Caso uma pessoa sofra algum acidente e perca a memória – se não houver registro de terceiros, e estes mesmos registros ainda não seriam uma coisa de fato, apenas uma evocação alheia acerca do passado de tal pessoa – seu presente deixará de vislumbrar o passado evocado pela memória. Em suma,

[...] talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das coisas presentes, presente das coisas futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. (Agostinho, 1999, p. 328).

Em síntese, o que se pode afirmar é que existe um tempo presente, permeado pelo passado e por projeções futuras, as duas geram angústia ao personagem. Naziazeno luta contra o tempo, os *flashbacks* o atormentam a todo momento. O tempo interior de Naziazeno converte-se em algo extremamente conflituoso. Portanto, a partir deste tópico, a ênfase recai na análise de alguns trechos do romance, que demonstrem esta relação com o tempo.

Há, na obra em estudo, uma inter-relação tempo-dinheiro, conforme foi assinalado brevemente no início de nosso percurso analítico. O dinheiro é visto como a solução para todas as contradições da trama e, desta forma, o personagem tenta auferi-lo de diversas maneiras diferentes. No momento em que resolve jogar para tentar ganhar o dinheiro por intermédio da sorte, Naziazeno vê suas fichas diminuindo. Assim como as horas do personagem, a diminuição das fichas cria um alerta de urgência: “As fichas estão diminuindo! As fichas estão diminuindo! Todo o seu ser entra em alarme. Vai botar apenas na cor por enquanto. No encarnado” (Machado, 1980, p. 73). O fato de as fichas estarem diminuindo faz com que Naziazeno volte a lidar com a miséria, com as dificuldades financeiras, com a escassez, como tinha feito durante sua vida inteira. Em *Os Ratos*, a luta pela subsistência é uma luta laborial e contra o tempo:

Naziazeno perdeu a noção do tempo. Mas deve ser tarde: está *lutando* já há muitas horas. Levanta o olhar para o retângulo do céu, lá em cima no recorte daquelas paredes altas: a luz tem uma tonalidade pálida, de fim de dia. O dia continuou... O dia não parou... (Machado, 1980, p. 73, grifo do autor).

O autor do romance escreve “lutando” em itálico para denotar, por meio do seu estilo, o significado maior dos fenômenos. O personagem está lutando e o verbo está no gerúndio, uma vez que essa ação é contínua, e isto se torna exaustivo para Naziazeno, que prossegue sua busca pelo dinheiro. A atmosfera dessa busca é permeada por obsessões como: leite, dinheiro, tempo e, por fim, os ratos a roer o dinheiro, por exemplo, na seguinte passagem em que Naziazeno ouve um barulho na cozinha: “São os ratos na cozinha. Os ratos vão roer — já roeram! — todo o dinheiro!...” (Machado, 1980, p. 158). O dinheiro que o personagem tão desesperadamente deseja ganhar volatiliza-se, permanece inatingível e, em seu subconsciente, ele desaparece, roído pelos ratos, que se convertem em um elemento opressor, destruindo qualquer possibilidade de Naziazeno de equilibrar as suas finanças e pagar sua dívida. O tempo que se esvai inexoravelmente se soma à dificuldade de o personagem conseguir o capital necessário para pagar a sua dívida, intensificando a sua situação desesperadora, que não permite vislumbrar nenhuma saída possível.

Em outros trechos, o autor compara a vida do personagem com uma luta, sem, no entanto, dar alguma significação especial ao estado em que o personagem se encontra, apontando para uma situação que abrangeria a vida de outros Naziazenos, seres comuns, oprimidos e esmagados pelas engrenagens do mundo capitalista:

Sente-se outro, tem coragem, quer lutar. Longe do bonde (que é um prolongamento do bairro e da casa) não tem mais a “morrinha” *daquelas* ideias... Naquele ambiente

comercial e de bolsa do mercado, quantos *lutadores* como ele!... Sente-se em companhia, membro lícito duma legião natural. (Machado, 1980, p. 19, grifo do autor).

Há outros como ele, lutadores anônimos obrigados a continuar lutando. E o ânimo para lutar deve vir, na concepção capitalista liberal, do sujeito. Esta é uma representação da lógica do *self-made-man*, pela qual o sucesso ou o fracasso são delegados ao indivíduo. Ora, essa concepção desconsidera que o sucesso ou não de determinados sujeitos depende de múltiplos fatores, como o meio social em que eles estão inseridos, capital cultural e/ou financeiro etc. Então essa luta vivida pelo personagem não é uma luta opcional ou justa, ao contrário, ela é involuntária e injusta. Em virtude disso, é possível notar a esperança de Naziazeno em alcançar um lugar de paz:

Pagar o leiteiro, entregar-lhe a importância: “*Tome, é o seu dinheiro*”. Virar-lhe as costas sem dizer mais nada, sem mesmo querer reparar na sua cara espantada, surpresa e o tanto *arrepentido agora*... Outra vida ia começar. Iria direito à caminha do filho, criança brincando com criança. “Se instalaria” na mesa pra tomar café. Tudo era calmo e ao mesmo tempo vivo ao seu redor. A manhã voltava a ter aquele encanto antigo. Seria capaz, bordejando daqui e dali, de ir espiar por cima do muro o amanuense e seus galos. Depois (horas depois!), a viagem de bonde pra a cidade, com a fresca batendo-lhe na cara, aberta e exposta, teria mesmo o encanto duma viagem... (Machado, 1980, p. 45, grifo do autor)

Observa-se que a grande preocupação de Naziazeno é pagar o leiteiro. Ao solver esse problema, na concepção incauta do personagem, sua paz retornaria e tudo estaria solucionado. A reconquista da dignidade representaria dessa forma a mudança do entorno. A promessa de “outra vida” acompanha o personagem em sua busca pelo dinheiro. Este é o essencial para que o personagem possa se relacionar com seu entorno de uma maneira menos conflituosa. A fórmula expressa anteriormente – tempo = dinheiro – serve para medir as 24 horas que Naziazeno tem para conseguir os 65 mil réis. Em suma, o dinheiro, para o personagem, “solucionará *tudo*, porque – é o seu feitio ou o seu mal – ele faz (desta vez, como de outras) *deste negócio* o ponto único, exclusivo, o *tudo* concentrado da sua vida” (Machado, 1980, p. 24, grifo do autor). O ato de quitar a dívida com o leiteiro é uma restauração simbólica e também o futuro que se presentifica como prognóstico. No entanto, o não pagamento do débito é a ameaça passada que se presentifica e se torna prognóstico manifestado por meio do discurso indireto livre de Naziazeno, o qual exprime a sua angústia.

O leiteiro espera qualquer coisa? O leiteiro espera talvez uma desculpa... (“Ele não aceita desculpas...”) que alguém se levante, vá parlamentar na porta da cozinha... A discussão recomeça... Ele talvez se despeça ali mesmo, com um desaforo, com uma

ameaça... Prometa ainda fazer um escândalo maior... lhe dê novo prazo, curto, premente, premente... – E um cansação lhe vem pela *antecipação* dessas lutas futuras... (Machado, 1980, p. 143, grifo do autor)

Em resumo, o tempo no romance *Os Ratos* funciona como ameaça e promessa. A relação ambígua que Naziazeno tem com o tempo aponta para a relação entre o tempo cronológico e o vivido. E a criação literária feita nesse âmbito busca demonstrar a condição aporética deste problema. Santo Agostinho (1999) comenta o seguinte acerca do tempo: “quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam” (Agostinho, 1999, p. 322). Ora, o tempo para o indivíduo é percepção, isto é o que fora evidenciado por Santo Agostinho em *Confissões*. Quando Naziazeno angustia-se pela sua situação vivida, as horas se estendem. Esse prolongamento do dia, que também age da forma dualística, já que o tempo se estende e se encurta à medida em que se esgotam as horas para conseguir os 65 mil reais devidos ao leiteiro. O confronto entre o tempo histórico e o tempo vivido evidenciam-se, na *duração interior* vivida por Naziazeno. Esta *duração interior* é lenta e tortuosa conquanto o tempo da natureza é dinâmico e corre normalmente às vistas da ameaça do leiteiro.

Dessa maneira, o personagem central de *Os Ratos* vai se revelando, ao longo do relato, por meio da sua relação com o tempo e as agruras da vida moderna, que o afligem, atingindo as raias do desespero. Nesse sentido, verifica-se que

[...] A passagem do tempo está em toda parte: no relógio da prefeitura, no sol, nas luzes da cidade, na falta de seu relógio, no início e final de expediente. Sua vida é uma constante contagem regressiva causando-lhe a intranquilidade e insegurança em relação à imediatez de sua sobrevivência. A dinâmica da narrativa está em função deste tempo, pois às vezes ela é veloz e em outro momento parece lenta, quase estática, é linear, mas também é desconexa. (Conceição, 2015, p. 95-96)

Ao baralhar essas temporalidades, nota-se que Naziazeno perfila-se como um indivíduo enraizado no ambiente citadino, no qual o dinheiro é a mola propulsora que pode garantir o seu bem-estar, mas é também o elemento desagregador, porque, à medida que o tempo se escoar, mais difícil fica para o referido personagem conseguir ganhá-lo, fato que o mergulha cada vez mais em uma situação de desesperança, desalento, da qual não parece haver qualquer saída possível. Assim sendo, o tempo se transforma em uma verdadeira obsessão para Naziazeno, que não pode detê-lo, transformando-o em vítima, que não conseguirá se salvar e terá que enfrentar as consequências de um mundo capitalista, no qual não há lugar para a solidariedade, para as ações altruístas e o indivíduo está só e abandonado à própria sorte, sem qualquer possibilidade de conseguir mudar seu destino, porque não há como parar o tempo, impedir que

o relógio marque as horas e o tempo decorrido sinaliza o seu fracasso, a sua derrota, em face de forças contrárias que ele não consegue vencer e que vão dilacerando a sua mente, incapaz de achar uma solução para conseguir pagar uma dívida ínfima ao leiteiro e se atormentando por causa disso.

Considerações finais

Em *Os Ratos* de Dyonélio Machado, uma das questões mais prementes é a relação do personagem com o tempo. Ele estreita-se e encurta-se à proporção em que funciona como uma promessa e/ou ameaça futura. Como Moisés (2017) comenta, trazer o tempo para a criação literária é o maior desafio que o autor enfrenta. Interessa observar também que o sujeito representado em *Os Ratos* é o sujeito moderno e fragmentado e, como argumenta Rosenfeld (2021), um dos aspectos mais impositivos nessa busca pela representação deste sujeito desvela-se por intermédio do emprego de recursos como o discurso indireto livre e os *flashbacks*, e ambos ocorrem em abundância no romance.

Representar o sujeito moderno é ser perpassado pelos aspectos sociais e estruturais da modernidade capitalista. Por isso, a lógica capitalista de tempo = dinheiro é recorrente no romance, fazendo com que todas as relações interpessoais orbitem nesse centro. O personagem vê o sol e enxerga uma moeda (Machado, 1980, p. 89), e desta forma o dinheiro significa vida (Machado, 1980, p. 24) e tempo significa dinheiro. A história de *Os Ratos* é a história das miudezas do cotidiano, em que seres humanos e ratos vivem de maneira igual. Um mundo onde ratos buscam dinheiro (Machado, 1980, p. 158) e pessoas vivem de miudezas (Machado, 1980, p. 43).

Brevemente foram discutidos nesse estudo aspectos teóricos e literários amplos. O intuito básico foi demonstrar como o tempo age de forma dualística no romance *Os ratos* de Dyonélio Machado, que faz parte de um período em que a percepção dos intelectuais era que o capitalismo estava sendo ampliado de forma plena no Brasil e no mundo, e o nosso país passava por reformas industriais importantes. Trazendo a crítica de Machado (1980) para o foco deste estudo, observou-se sua atualidade, já que, na concepção do filósofo sul coreano Byung-Chul Han, o capitalismo utiliza-se do impulso de morte, e, portanto, nas palavras do filósofo: “O capitalismo está baseado na negação da morte. O capital acumulado é contra a morte como prejuízo absoluto” (Han, 2021, p. 14); ou seja, dinheiro passa a ser vida não somente na questão direta e objetiva, mas também na questão simbólica.

Em conclusão, nas palavras do filósofo: “a etimologia do dinheiro aponta para relação entre sacrifício e ritual [...] o dinheiro acumulado confere ao seu proprietário um *status* de

predador” (Han, 2021, 17, grifo do autor); e aos não proprietários, poderia se dizer, o *status* de presa.

Para além das diferenças conceituais das duas épocas divergentes das conclusões de Han (2021) e de Machado (1980), observa-se que o cerne se mantém. A apropriação psíquica feita pelo capitalismo, na qual “o capital infinito cria a ilusão de um tempo infinito. Tempo é dinheiro. Face ao limitado tempo de vida, o que se acumula é tempo de capital” (Han, 2021, p. 18). No romance, isso é vivenciado por Naziazeno, que *só tem mais um dia* (Machado, 1980, p. 17), um prazo limítrofe, que o submerge em um mundo de pesadelo e desespero, pois ele não tem como conseguir o dinheiro que precisa e o tempo vai se consumindo sem que ele encontre qualquer solução para o dilema que o atormenta. A vida de Naziazeno e o romance poderiam ser descritos na seguinte frase: “Estamos nos enterrando vivos para sobreviver. Na esperança de uma sobrevivência, acumulamos o valor morto, o capital. O mundo vivo é aniquilado pelo capital morto. Nisso consiste o impulso de morte do capital” (Han, 2021, p. 21).

A ausência do dinheiro e a impossibilidade de se consegui-lo em um prazo tão curto levam o personagem a um patamar desesperador, que acaba estagnando a sua vida, os seus sonhos e o levam a conscientizar-se de que o decorrer do tempo é implacável e destrói aqueles que não são capazes de se adaptar aos moldes do capitalismo e suas leis desumanas e enraizadas profundamente no mundo contemporâneo.

Referências

AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). **Confissões**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004. (Coleção Os Pensadores).

BATALHÃO, T. *et al.* Irreversibility and the arrow of time in a quenched quantum system. **Physical Review Letter**, APS, v. 115, n. 19, 2015. Disponível em: <https://arxiv.org/pdf/1502.06704.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2023.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. *In*: CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018, p. 51-80.

CONCEIÇÃO, Kátia Cilene Silva Santos. *Os Ratos*, de Dyonélio Machado: a personagem nos labirintos do dinheiro e do tempo. **Todas as Musas**, ano 06, n. 2, jan./jun. 2015, p. 88-97. Disponível em: <https://www.todasasmusas.com.br/12Katia_Cilene.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2023.

HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e Impulso de Morte**: ensaios e entrevistas. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. 1 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. Tradução de Claudia Berliner; revisão de tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar; introdução Hélio Salles Gentil. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

MACHADO, Dyonélio. **Os Ratos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: Prosa. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

NUNES, Benedito. **O tempo na Narrativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2013

ROSENFELD, Anatol. **Texto e contexto I**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

Artigo recebido no 1º semestre de 2023.

Artigo aceito no 2º semestre de 2023.